

## Alencar e Gonçalves Dias: O projeto indianista e a consagração canônica

por Mariângela Monsorez Furtado Capuano  
(Mestrado em Literatura Brasileira - UERJ)

### Literatura e Formação do Estado-Nação

É possível perceber nos mais recentes estudos a respeito das “ficções de fundação” uma tendência de vinculação entre a efetiva constituição do estado-nação e o caráter nacional da literatura produzida em determinado lugar. Portanto, a literatura assume determinada nacionalidade na medida em que, ao abordar temas inerentes aos aspectos das raízes da formação de uma identidade nacional, funciona como agente consolidador do estado-nação.

A literatura feita no Brasil, até a fundação do estado-nação, não costuma ser considerada nacional, pois ainda não se havia consolidado o estado-nação brasileiro. Até então, o Brasil, enquanto colônia de Portugal, funcionava apenas como um apêndice deste. Não fazia parte, ainda, do ideário popular, no período colonial, o sentimento de nacionalidade em termos de cidadania.

A literatura produzida até então não tinha qualquer compromisso com a abordagem de temas relativos ao lugar em que era produzida. A temática pela qual envereda o padre Vieira, por exemplo, tem toda uma relação com as questões morais relativas à sociedade metropolitana e, por continuidade, à classe privilegiada que vivia na Colônia. As questões religiosas por ele tratadas nos seus sermões nada tinham a ver, por exemplo, com a religião dos nativos ou com a dos negros que aqui chegavam como escravos. A literatura do padre Vieira seria, por esta ótica, literatura portuguesa produzida na colônia.

Da mesma forma, o caráter irônico da poesia de Gregório de Matos, isto é, a sátira às contradições morais que observava na sociedade e na igreja da época é uma característica que se relaciona aos aspectos gerais do barro-

co e do maneirismo enquanto tendências artísticas européias. Ainda que o humor tenha sido incorporado, mais tarde, no primeiro Modernismo do Brasil e tenha assumido papel importante na sua caracterização, naquele momento não constituía um elemento consolidador de identidade.

Os poetas árcades que escreveram no Brasil adaptaram as características bucólicas à realidade paisagística de Minas Gerais. Entretanto, apesar de estarem politicamente engajados nos movimentos de independência da colônia, sua literatura ainda não se singularizava, pois ainda incorporava fortemente as características da literatura européia produzida na época, não havendo uma preocupação de legitimação de um estado-nação que eles próprios desejavam ver nascer no Brasil.

Somente no século XIX o Brasil tornou-se independente de Portugal. É fundamental observar, entretanto, que a independência não teve suas origens em uma base popular, se chamarmos de povo os escravos, índios e os indivíduos das camadas subalternas, brancos ou mestiços. Este grupo era manipulado pelos interesses do estrato hegemônico, que queria a independência de Portugal. Foi, desta feita, um fato histórico imposto ao povo pela aristocracia de então. Ao contrário dos demais países latino-americanos, o regime monárquico manteve-se, sendo o imperador filho do rei que destronara. O imperador assume, então, algo que seria seu de qualquer forma. A célebre afirmação de D. João VI “toma o trono antes que algum aventureiro o faça” mostra bem que não haveria ruptura, naquele momento, do modelo colonial. Junto a isto, há o fato de D. Pedro I ter abdicado do trono brasileiro para pleitear o trono português, demonstrando, assim, que dava mais valor à coroa portuguesa que à nação que pretensamente libertara.

De qualquer forma, a independência política possibilitou, nas três últimas décadas da primeira metade do século XIX, a germinação de um sentimento de brasilidade. Os filhos de portugueses, que aqui nasciam, não sendo mais considerados portugueses “de além-mar”, passavam a ser, conseqüentemente, brasileiros. Outro aspecto de suma relevância para o início da formação de uma mentalidade nacional foi a miscigenação entre brancos,

negros e índios, gerando um fenótipo diferente tanto do europeu quanto do africano ou do nativo americano.

A base ideológica do estado-nação brasileiro data, portanto, dos processos político-sociais da primeira metade do século XIX. A literatura que se designará propriamente brasileira coincide com esta época, tendo como forte característica a consolidação do ideário da formação. É uma literatura preocupada com a legitimação do estado-nação brasileiro que emergia.

Contudo, a influência européia era, como ainda hoje o é, de forte manifestação em todos os campos do pensamento no Brasil. O ideal literário de formação da nacionalidade brasileira acontecia ao mesmo tempo em que acontecia na Europa o movimento romântico. Ainda que tenha sido o modelo romântico francês, via Portugal, que tenha mais influenciado a literatura romântica no Brasil, havia no Romantismo um forte caráter de nacionalismo, principalmente no romantismo alemão.

As ficções de fundação, filiadas àquilo que se passou a chamar de Romantismo Brasileiro, visaram, pois, a legitimação do estado-nação brasileiro. Na época em que foram escritas, serviam ao ideal de ratificação desse estado.

Ao considerarem as ficções de fundação como legitimadoras da nacionalidade, Doris Sommer<sup>2</sup> e Homi Bhabha<sup>3</sup> aproximam-se em suas idéias. Vêm-nas, então, como uma literatura comprometida, com o objetivo de cumprir uma missão.

No momento da construção da identidade nacional, buscou-se uma unificação para caracterizar esta “comunidade imaginada”<sup>4</sup> que foi formada. Apesar de as influências européias serem muito expressivas e chegarem ao Brasil principalmente através da França e da antiga metrópole, havia a preocupação em se fazer algo diferente do que era feito em Portugal: era preciso dar um cunho nacional à produção cultural que se fazia aqui.

Um gênero novo, o romance, passa a figurar na cena literária do Brasil. Romance e cânon estão intimamente ligados, pois serão, principalmente os romancistas, os autores que serão canonizados, uma vez que o romance

constituía o novo enquanto modalidade literária, já que poesia e teatro eram gêneros existentes no Brasil colonial.

Os escritores românticos caíram, então, no gosto popular, pois escreviam com simplicidade algo que expressava o momento de construção nacional. Àqueles que não seguiam o paradigma vigente nos anos 30 e 40 do século XIX, ficou reservado o anonimato e a exclusão do cânone.

[...]os ficcionistas das décadas de 30 e 40 do século passado, de posse de mapas traçados de antemão e embebidos pela leitura dos viajantes e naturalistas europeus que visitaram o Brasil, saíram em busca da fundação literária da nacionalidade, num “regresso” à origem, no esforço de demarcar um centro. [Reis, R.: 1992.]

Fazendo parte deste cenário de legitimação do estado-nação através da literatura, encontramos autores como José de Alencar e Gonçalves Dias.

Pelo caráter nativista de suas produções literárias, os autores acima referidos integram o cânone literário brasileiro. Além disso, podem ser aproximados, também, pelo projeto indianista de suas obras.

O nacionalismo que tematizam, aparentemente semelhante, merece uma análise diferenciada, pois, em cada um, inspirou-se em ideais políticos diversos.

Gonçalves Dias nasceu mergulhado nas tensões antilusitanas locais, enquanto que Alencar formou-se na época que vai desde a maioria antecipada de D. Pedro II até a consolidação partidária dos anos 50 do século passado.

Portanto, há semelhanças e diferenças entre o projeto literário desses dois autores, principalmente se pensarmos em aspectos do indianismo que ambos abordam. São essas diferenças que pretendemos abordar, haja vista sua relevância para este estudo.

Para servir de ponto de referência para o desenvolvimento desta visão, tomaremos os romances **O Guarani** e **Iracema** de José de Alencar e os poemas “Canto do Piaga”, “Deprecação” e “Marabá” de Gonçalves Dias.

## A Construção da Visão do Colonizador em Alencar

Alencar descendia de portugueses. Era branco e sua família possuía algumas posses. A visão que possui a respeito do elemento indígena brasileiro e suas relações com o europeu é, talvez por contribuição deste fato, mais próxima da do colonizador.

Em seus romances, é freqüente observarmos que o encontro das raças se dá através do amor entre o branco e o índio. Entretanto, desta união, como veremos, não haverá um fruto híbrido, com características das duas partes que o geraram. Haverá sim uma tendência à suplantação da cultura indígena pela branca.

## A submissão do colonizado e o tom sacrificial

Nos dois romances escolhidos para este estudo percebe-se nitidamente que o indígena aparece em posição submissa em relação ao colonizador.

Em **O Guarani**, o índio Peri é escravo de Ceci, uma jovem branca, e vassalo de seu pai, Dom Antônio.

Ele os serve e só é aceito porque renega sua própria cultura em relação à cultura do colonizador. Peri era considerado por Dom Antônio “um cavalheiro português no corpo de um selvagem”<sup>5</sup>. Só possuía valor aquele que se curvava à cultura do branco.

Servir a Cecília e a D. Antônio exigia de Peri uma abnegação extrema. A veneração que o indígena sentia pela fidalga custava-lhe o sacrifício de ter-se separado dos seus. Peri chamava sua senhora de *Ceci*, que em sua língua era um verbo que significava doer, magoar. Isso era o que o indígena sentia, isto era o que sua servidão lhe causava. “*Ceci?* ... disse o fidalgo procurando lembrar-se. Sim! É um verbo que significa doer, magoar.”<sup>6</sup>

Com **Iracema**, o que ocorre é que, renunciando a seu desígnio, abandona sua tribo, seus irmãos e sua missão para seguir Martim. Ela morre, pois foi de encontro ao que lhe estava destinado. Seu amor tinha a marca da interdição religiosa. Indo de encontro ao amor, transgredindo, portanto, o preceito religioso que lhe era imposto por sua cultura, **Iracema** trilha não só o caminho do amor mas também o da morte. “O

pajé falou grave e lento: – Se a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor do seu corpo, ela morrerá;...”<sup>7</sup>

Esta morte traduz um tom sacrificial presente nas obras de Alencar e se sintoniza com o ideal romântico de desencontro no plano terrestre. Ao renunciar à missão religiosa que desempenhava, Iracema sacrifica não apenas a si mesma, mas toda a sua tradição cultural.

Embora Iracema aparentemente tivesse conseguido realizar este amor, este foi permeado de desencontros e decepções. Ela consegue Martim pela primeira vez quando este está sob o efeito alucinante do licor da jurema. Martim, assim, é vítima do amor de Iracema, eximindo-se de qualquer culpa. Para viver este amor interdito, Iracema sacrifica-se, abandonando sua tribo, seus costumes, sua família e sua missão. Mas o preço de tudo isso é bem caro, pois este amor está permanentemente sob uma aura de nostalgia e tristeza. Iracema vê tristeza e saudade nos olhos de seu amado, que se sente incompleto ao seu lado. É um amor que não pode ser pleno no plano terrestre; está, portanto, fadado à separação.

A submissão do indígena pelo conquistador é mascarada neste romance, pois Iracema é quem dirige as cenas. O romance parece estar estático no cenário selvagem, enquanto Iracema encarna a força motriz que faz com que os acontecimentos se sucedam. Martim passa, portanto, a ser uma vítima do amor de Iracema, pois ao perceber uma forte atração que sentia pela indígena, repele-a temendo que a predição do pajé se concretize: “O cristão repeliu do seio a virgem indiana. Ele não deixará o rasto da desgraça na cabana hospedeira.”<sup>8</sup>

Tudo o que acontece com Iracema passa a ser única e exclusivamente responsabilidade sua. Martim é o cristão seduzido pela pagã. Se o desfecho do romance é trágico, Iracema é quem assim o escolhe. Martim, para esquecer essa paixão pede-lhe que o faça sonhar e, ela, dando-lhe o licor da jurema, consegue concretizar o amor.

Martim lho arrebatou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.

Agora podia viver com Iracema, e colher em seus lábios o beijo [...]. Podia amá-la, e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem. [Alencar, J.: Iracema, 40]

### A alusão a valores europeus

Reforçando a idéia de que os textos de Alencar privilegiam a visão do colonizador, podemos destacar a recorrência em ambos os textos aludidos de valores cristãos e da cultura européia. A própria recepção de Martim por Iracema, logo nos primeiros capítulos, coloca o branco na posição do ser pacífico enquanto que o indígena é o selvagem resistente.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida. [Alencar, J.: Iracema, 21]

Iracema, bem como Isabel de **O Guarani**, são mulheres com os cabelos negros e a pele morena em contraposição a Ceci que possuía a tez alva, os cabelos louros como o sol e olhos azuis como o céu. Ceci encarna a imagem de mulher idealizada, angelical, de origem européia. É comparada, ou melhor, confundida por Peri com Nossa Senhora: “Para ele essa menina, esse anjo louro, de olhos azuis, representava a divindade na terra;...”<sup>9</sup>

A imagem da mulher européia, em **Iracema**, permanece entronizada no plano imaginário do romance, aparecendo sempre na sua forma paralisada, estática, como uma pintura ou um objeto decorativo. Há neste texto referência à virgem loura, suposta figura com quem Martim sonha. É sempre Iracema que se refere a ela, nunca recebendo uma negativa de sua existência por parte de Martim. No texto, fica visível que Martim, enquanto sonha com “a virgem loura dos castos afetos” (cristã), é seduzido pela “morena dos ardentes amores” (pagã).<sup>10</sup>

Em **O Guarani**, é a virgem loura Ceci a figura ideal. É mitificada, quase intocável. Por ela “velavam três sentimentos profundos”<sup>11</sup>: “Loredano desejava; Álvaro amava; Peri adorava”<sup>12</sup>. Cecília inspirava devoção.

Era uma coisa singular na vida dessa, menina; todas as paixões, todos os sentimentos que a envolviam sofriam a influência de sua inocência e iam pouco e pouco depurando-se e tomando um quer que seja ideal, um cunho de adoração.

O mesmo amor ardente e sensual de Loredano, quando se tinha visto em face dela, adormecida na sua casta isenção, emudecera e hesitara um momento se devia manchar a santidade do seu pudor. [Alencar, J.: *O Guarani*, 273]<sup>13</sup>

Isabel era a morena, em que não cabia a angelitude de Ceci. Sua beleza era “ardente e voluptuosa”<sup>14</sup>. Pode-se notar que às morenas cabe o desejo, a voluptuosidade. São figuras realmente humanas e integralmente terrestres. Por elas nunca se sente uma “afeição calma e serena”, mas uma “paixão abrasadora”.<sup>15</sup>

Um traço recorrente na literatura de Alencar é a visão da mulher mestiça como propiciadora de prazer enquanto que a branca seria aquela votada ao casamento.

Em **O Guarani**, Isabel é a mestiça que, pertencente às duas raças (branca e indígena), sente-se perdida com essa realidade. Inferiorizada pelos que a acolheram no solar de D. Antônio, não é considerada como um membro, de fato, daquela família. Despreza, portanto, a raça dos colonizadores. Por outro lado, odeia da mesma forma a raça indígena que fizera sua mãe sofrer pelo “erro” cometido: a gravidez, fruto de uma aventura com D. Antônio. Por esse motivo, foi repelida pela sua tribo.

– Sabeis o que sou; uma pobre órfã que perdeu sua mãe muito cedo, e não conheceu seu pai. Tenho vivido da compaixão alheia; não me queixo, mas sofro. Filha de duas raças inimigas devia amar a ambas; entretanto minha mãe desgraçada fez-me odiar a uma, o desdém com que me tratam fez-me desprezar a outra. [Ibid, 170]

Isabel, ciente de sua condição, coloca-se numa posição de subalternidade, considerando-se indigna de inspirar no cavalheiro Álvaro o mais puro amor.

Não vos arreceeis de mim, disse ela com melancolia, sei que não me deveis amar. Sois nobre e generoso, o vosso primeiro amor será o último. Podei-me ouvir sem temor. [Ibid, 171]

## A imposição religiosa

Percebe-se, tanto em **O Guarani**, quanto em **Iracema**, a figura do colonizado que abandona sua cultura para ser aceito pelo europeu.

Peri, para ser aceito como protetor de Ceci por Dom Antônio, teve que ser batizado. As referências ao deus cristão como o único verdadeiro também reforçam essa idéia.

-Peri quer ser cristão!.../

-A nossa religião permite, disse o fidalgo, que na hora extrema todo homem possa dar o batismo. Nós estamos com o pé sobre o túmulo. Ajoelha, Peri! [Alencar, J.: s/d, 306]

Iracema, para seguir Martim, trai o segredo da Jurema, rompe com sua missão religiosa. Abandona os seus e vai viver com seu amado.

-Araquém já não tem filha.

/.../

-Iracema te acompanhará, guerreiro branco, porque ela já é tua esposa./.../

/.../ A filha do Pajé traiu o segredo da jurema. [Alencar, J.: *Iracema*, 42.]

No romance **Iracema**, há uma intervenção direta do autor, em uma nota, demonstrando claramente a posição de Alencar frente à crença dos indígenas. Trata-se do episódio em que Araquém, pai de Iracema e pajé da tribo dos tabajaras, remove uma pedra de onde se ouve um som terrível. Alencar, em nota, explica que aquele era um truque utilizado pelo selvagem que se servira de uma galeria subterrânea que comunicava aquele local com a várzea. Procura frisar que aquela era uma astúcia que os pajés utilizavam para fascinar a imaginação do povo, preocupando-se com o desmantelamento do elemento místico da religião do colonizado.

Araquém proferindo essa palavra, avançou até o meio da cabana; ali ergueu a grande pedra e calçou o pé com força no chão: súbito, abriu-se a terra. Do antro profundo saiu um medonho gemido, que parecia arrancado das entranhas do rochedo. [Alencar, J.: Iracema, 33.]

Em **O Guarani**, Peri, para servir a Ceci, que considerava uma santa, abandona sua condição de guerreiro e chefe, sua mãe e seus irmãos, para ser escravo do branco. O indígena se sacrifica para servir à cultura européia. “Peri tinha abandonado tudo por ela; seu passado, seu presente, seu futuro, sua ambição, sua vida, sua religião mesmo; tudo era ela, e unicamente ela; [...]”<sup>16</sup>

Neste texto de Alencar, a narração é dirigida pela visão do colonizador e isto fica bem marcado, pois a todo momento a cultura européia é colocada como a verdadeira, a superior, a única existente<sup>17</sup>. O indígena é colocado como o “inculto”, portanto inferior. “A sua inteligência sem cultura, mas brilhante como o sol de nossa terra ...”<sup>18</sup>

Pode-se perceber, com base nos dois textos abordados, alguns aspectos interessantes.

Alencar constrói narrativas que acabam por servir à visão do dominador. Os valores da cultura européia são colocados, ainda que em alguns momentos de forma discreta, como, senão os verdadeiros, os mais adequados ao bem-estar do homem. Os traços da cultura indígena são inferiorizados de forma que o colonizador europeu, encarnado, no caso, pelo português, tem sua imagem de herói sacralizada. O índio é visto, então, como um cristão em potencial. Isto aponta para o fato de que, por mais virtuoso que possa ser o habitante natural do continente, para aproximar-se da perfeição, é-lhe indiscutivelmente necessária a assimilação dos costumes dos brancos. Há, então, o reforço da idéia de que a forma pela qual Alencar aborda a questão indígena muito tem a ver com uma visão do homem europeu, civilizado, que enxerga no outro, o índio, não um diferente mas um inferior sócio-cultural. Não sendo a diferença compreendida como uma distinção, torna-se esta alvo de um bombardeio de conceitos morais que muito pouco (ou nada) têm a ver com a cultura local.

## Gonçalves Dias: O Drama do Colonizado

Percebe-se na poesia indianista de Gonçalves Dias uma preocupação em como se deu o encontro das raças formadoras do povo brasileiro e com o destino atroz que sofreriam as tribos quando da chegada do colonizador europeu. A dimensão trágica de seus poemas marca uma outra visão da colonização: a visão dos vencidos.

Para servir de base para nossa análise desta dimensão trágica, presente no encontro das civilizações formadoras do povo brasileiro na poesia de Gonçalves Dias, tomaremos os textos “Canto do Piaga”, e “Deprecação”, poemas integrantes do seu livro **Primeiros Cantos** (1847); e “Marabá”, poema do livro **Últimos Cantos** (1851).

## O caráter trágico da colonização

Em Gonçalves, a união de raças não se dá através do amor. Essa união acontece através do jugo do colonizador sobre o colonizado. O encontro é trágico, pois o destino já é sabido e a destruição é inexorável.

Ao abordar o tema indianista, Gonçalves Dias apresenta uma visão diferente da de Alencar.

Poeta de origem bastarda, Gonçalves, além disso, era mestiço. Nunca conseguiu elaborar bem, para si próprio, essa condição. Teve um pedido de casamento negado por preconceito da família da mulher a quem sempre amou e isto fez com que toda sua vida ficasse marcada por essa perda.

Em seus poemas indianistas, percebe-se que a ótica pela qual a questão da colonização é vista se dá pela perspectiva do colonizado. É pela boca do indígena que a história é contada.

Em “O canto do Piaga”, a dimensão trágica da chegada do colonizador é descrita de forma orquestral. As predições do pajé antecipam a desgraça iminente com a chegada das caravelas portuguesas.

Negro monstro os sustenta por baixo,  
Branças asas abrindo ao tufão,  
Como um bando de cândidas garças,  
Que nos ares pairando - lá vão.  
/.../

Vem matar vossos bravos guerreiros,  
Vem roubar-vos a filha, a mulher!  
[Gonçalves Dias. "Canto do Piaga": 1950, 72]

No poema, ressalta-se o caráter negativo da colonização, em que o vencido é subjugado e destruído pelo vencedor. No trecho a seguir, fica clara a visão de que a colonização européia viria trazendo a impiedade, os dons cruéis e a profanação da religião indígena, ou seja, reforça que esse contato veio macular a pureza desta civilização.

Vem trazer-vos crueza, impiedade -  
Dons cruéis do cruel Anhangá;  
Vem quebrar-vos a maça valente,  
Profanar Manitôs, Maracá. [idem.]

Em "Deprecação", há o lamento pela vingança do deus Tupã, que permitiu a invasão das terras indígenas pelos estrangeiros.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe  
Os homens que o raio manejam cruentos,  
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino  
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.  
[Op. cit., "Deprecação", p. 76.]

Neste poema, a nação espoliada clama a seu deus que interceda em favor deles, pois a sua ira permitira que seus filhos fossem expulsos de suas terras e que a desgraça lhes adviesse.

E os teus inda vagam por serras, por vales,  
Buscando um asilo por ínvio sertão! [Idem.]

Tanto em "Deprecação" como em "O canto do Piaga" percebe-se a preocupação em pontuar que a colonização européia foi perniciososa, trazendo males ao povo que aqui vivia, marcando o destino trágico e inexorável da raça indígena.

### A mestiçagem como estigma

No poema "Marabá", a questão da mestiçagem é colocada a partir da visão do colonizado e do estigma que este carrega não sendo aceito por sua gente, por guardar sinais do elemento colonizador.

Teus olhos são garços,  
Responde anojado; "mas és Marabá:  
"Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,  
"Uns olhos fulgentes,  
"Bem pretos, retintos, não cor d'anajá!  
[Op. cit., "Marabá", p. 407]

Contraditoriamente ao que se costuma observar, neste poema, a discriminação acontece às avessas: é o elemento com características européias que vai ser discriminado. A figura ideal é a que carrega as características da raça indígena.

Percebe-se que a discriminação é presente, mas inusitadamente, acontece no ambiente do colonizado.

Gonçalves, neste poema, trata da questão da miscigenação percorrendo o caminho contrário do que fazia na sua época. Enquanto em Alencar a figura aceita na sociedade urbana era a da mulher loura, de olhos azuis, aos moldes europeus, Gonçalves vai deslocar essa temática para a sociedade do colonizado, na qual a figura ideal é a que guarda as características do indígena. De qualquer forma, a segregação é a mesma, só que deslocada para o ambiente oposto.

Se ainda me escuta meus agros delírios:  
És alva de lírios,  
Sorrindo responde; "mas és Marabá:  
"Quero antes um rosto de jambo corado,  
"Um rosto crestado  
"Do sol do deserto, não flor de cajá." [Ibid, p. 408]

Nos poemas escolhidos para esta análise, fica clara que a perspectiva que Gonçalves Dias utiliza na questão da colonização brasileira é a do dominado.

Ao se utilizar do trágico para construir esta visão, o índio, de certa forma como também ocorre em Alencar, é colocado em um patamar de inferioridade: é aquele que sofreu a inexorabilidade do destino e é, por isso, digno de pena. É, sem dúvida, uma forma de criticar o processo de dominação, pois ressalta o que de negativo a colonização impôs ao índio. A visão que se apresenta é mais dramática que trágica por trazer consigo uma piedade inspirada nos preceitos cristãos.

Em outras palavras, o que se quer dizer é que, ainda que a construção da narrativa poética incorpore elementos da inexorabilidade trágica dos acontecimentos, a visão resultante da construção narrativa é aquela que valoriza um sentimento de compaixão pelo vencido e que está totalmente ligada à forma como o colonizador, baseado nos seus preceitos morais, enxerga sua condição. O efeito final é, então, dramático, apesar das marcas do trágico. É como se um cristão se colocasse na posição do vencido e descrevesse com os conceitos de sua formação sócio-cultural a desventura de ser dominado. Trata-se, portanto, da visão do colonizado, imbuída da influência moral do colonizador.

Através da análise de alguns textos da obra dos dois autores escolhidos, pôde-se perceber alguns aspectos de interesse.

A abordagem indianista em Alencar pressupõe uma integração entre branco e índio através do amor. Contudo, este amor traz consigo a marca da interdição, estando, desta feita, fadado a uma não-realização plena. O mesmo amor que aparentemente une em um primeiro momento é a própria causa da separação.

Em Gonçalves Dias, o encontro de raças percorre uma trajetória trágica, pois essa união acontece por meio da força do colonizador impondo-se ao colonizado, que está consciente disto e de sua impotência ante este fato. Em outras palavras, a trajetória do colonizado é trágica porque ele sabe o que sofrerá, sabe que não tem qualquer possibilidade de êxito em uma reação, mas, ainda assim, continua a trilhar o seu caminho rumo ao destino que lhe é reservado.

Ao colocar o índio na posição do herói trágico, Gonçalves tenta construir, então, uma narrativa poética que desvela a ótica do colonizado. Em muitos dos seus poemas, percebe-se a consciência do destino cruel que viria para as tribos tupis quando da colonização européia. O poeta trabalha, então, o conflito entre as duas civilizações na sua dimensão trágica.

Se Gonçalves canta a destruição das tribos, a mistura que segrega, Alencar, apesar de também construir uma trajetória trágica para Iracema, por exemplo, ressalta a construção de uma nacionalidade que emerge de um con-

texto colonial, em que colonizador e colonizado entram em comunhão. Esta comunhão se dá sob o domínio do colonizador e a submissão passiva do colonizado.

Nas relações amorosas, tão marcantes em Alencar, o amor se realiza em um momento de renúncia do colonizado, retratado na figura do índio, em favor da lógica moral do colonizador. Quer seja a índia que se entrega ao estrangeiro ou o índio que adora com devoção religiosa a mulher branca, o sacrifício cultural é o preço para a aproximação amorosa entre colonizado e colonizador.

A marca do indianismo de Alencar seria, desta forma, a inserção do índio no plano da nobreza, ocupando dois extremos: o do servo incondicional (caso de Peri servo de Ceci e Iracema serva de Martim) e o do ódio sem limites (tabajaras e portugueses em **Iracema** e aimorés e habitantes do solar de D. Antônio em **O Guarani**).

A diferença, então, entre o projeto indianista de Alencar e o de Gonçalves Dias está na visão que cada um privilegia ao abordar o tema da colonização do Brasil pelos portugueses.

Em Alencar, nos dois romances estudados, percebe-se que a temática indianista vem permeada pela perspectiva do colonizador. Apesar de ser possível perceber uma preocupação com a descrição de elementos da cultura indígena, em diversos momentos de suas obras percebe-se a intenção em reforçar a superioridade da cultura branca em relação à cultura do dominado. É como se Alencar estivesse a cada momento, consciente ou inconscientemente, apresentando as razões pelas quais o branco dominou o índio e este foi dominado. Isto não aparece, contudo, como uma questão político-social que o momento histórico propiciava, mas como se, por uma questão de valor universal, a cultura branca fosse de fato incondicionalmente superior à do índio, fosse qual fosse o contexto em que se desse a colonização. Mais ainda, é como se discretamente reconhecesse os "benefícios" da colonização advindos à sociedade brasileira emergente, apesar do sacrifício da cultura indígena.

Em Gonçalves Dias, aparece a ótica do colonizado, na medida em que o índio aparece como um ser violentado física e moralmente pela força da cultura estrangeira que se impõe.

Há, nos poemas abordados, a estreita relação entre o colonizador e a violência e o colonizado e seu aculturamento. Para Gonçalves Dias, a miscigenação, ao invés de cunhar já em um primeiro momento um traço de identidade ao indivíduo que formará a sociedade brasileira, é responsável pela segregação do elemento: o mestiço não é índio, nem branco; não tem, portanto, identidade.

O movimento romântico do Brasil coincide com a independência política do país e a consolidação de um regime que, apesar de manter o modelo monárquico, tinha a preocupação de consolidar-se, através da marcação das diferenças entre a antiga Metrópole e a nação que surgia.

O ideário do romantismo no Brasil assume, então, o projeto de formação e afirmação da nacionalidade brasileira, o que é bastante interessante para o sistema político que se consolidava. Este ideal de formação da nacionalidade encontrou total respaldo no Segundo Império, que intentava igualar o recente país às nações civilizadas. A literatura passou a privilegiar um determinado aspecto da sociedade a que pertencia, em detrimento de outros. É, em suma, o discurso escrito, na sua modalidade literária, a serviço da legitimação do sistema político que se implantava.

Através do estabelecimento de um sistema literário, agora de fato brasileiro, uma vez que, com a Independência, desaparecera a condição de colônia, havia então uma nação necessitada de uma identidade não apenas econômica e política mas igualmente sócio-cultural.

Mesmo antes do Movimento de Independência, ainda no século XVIII, quando da produção árcade no Brasil, há quem julgue, como Roberto Reis<sup>19</sup>, que o fato de os "Dirceus" figurarem na literatura ao invés de alguma voz cujo papel fosse subverter a ordem refletida na hegemonia da intelectualidade da época, já denuncia um princípio de preocupação com a formação de um

sistema literário próprio, com a manutenção daquela classe letrada. Através da entronização de personagens que mais refletissem essa inteligência que qualquer outro segmento da sociedade, o escritor estaria, de certa forma, contribuindo para manter um certo estado de coisas.

A constituição de um sistema literário pouco a pouco engendra uma norma estética e regras de controle, capazes de conservar a identidade destes intelectuais, ao mesmo tempo que rebaixa e recalca aquelas manifestações literárias que infringem o sistema em gestação. [Reis, R.: 1992, 78]

É, então, como se a intenção fosse que houvesse mudanças, para que tudo permanecesse da mesma forma.

Imbuídos principalmente das idéias nacionalistas, os autores aqui estudados produziram sua literatura como forma de busca da formação da identidade do país.

Alencar formou-se na época da afirmação do Segundo Império. Sua literatura, portanto, aparece engajada nesse processo de legitimação do estado-nação.

Já Gonçalves Dias afirmou-se no período anterior, que corresponde aos primeiros anos da Independência propriamente dita. Apesar de este período ser influenciado pela aversão aos valores portugueses, devido a todos os percalços da colonização, os valores da cultura branca, universais para os brasileiros de origem européia (mesmo os mestiços), mais forte até que a cultura portuguesa, não poderiam deixar de ser marcantes na sua obra.

Os dois autores, embora apresentassem caminhos e convicções diferentes na abordagem da mesma temática, atenderam perfeitamente ao gosto público no que diz respeito à formação da identidade nacional. Alencar, por exemplo, aborda, nos textos aqui referidos, o índio, sem se preocupar em destacar o papel do negro como elemento de importância na formação da identidade brasileira<sup>20</sup>. Ainda que também tenha escrito sobre negros, o fato de não manter a fórmula básica da miscigenação que gerou o brasileiro (cru-

zamento entre brancos, índios e negros) talvez possa ser lido como uma exclusão do negro do processo de formação da nossa identidade. Ainda que a importância do negro não fosse tão relevante quanto a do índio no Ceará da época em que se passa a história de Iracema, ele já era importante em outros contextos da sociedade brasileira, como por exemplo a Bahia e o Rio de Janeiro. E a importância destes lugares era tanta que foi essa a marca social herdada pelo Brasil: um país fruto da mestiçagem entre brancos, negros e índios.

O mulato no Brasil, principalmente naquela época, ainda que livre, era encarado como negro e sofria toda a consequência desta estigmatização. De nada adiantava incorporar os costumes do branco, como a própria religião, pois o mestiço continuaria a ser sempre visto como um diferente do branco.

Desta forma, o fato de o negro não ser incorporado por Alencar como "ingrediente" da formação do povo brasileiro contribuía, sem dúvida, para que tal tipo de literatura atendessem a um gosto de um grupo formado principalmente pela elite branca e letrada. Talvez por escreverem em sintonia com isto, tais autores figuraram imediatamente no cânon da nossa literatura. É esta a condição que ostentam até os nossos dias: a consagração canônica no âmbito da Literatura Brasileira.

#### NOTAS:

1. SOMMER, D. 1991.
2. BHABHA, H. K. 1990.
3. Imaginada, pois os integrantes de uma de uma comunidade, embora tenham consciência de sua comunhão, dificilmente se conhecerão a todos. Conceito citado por ANDERSON, B. 1989.
4. ALENCAR. *O Guarani*, p.58.
5. *Ibid.*, p.128.

6. ALENCAR. *Iracema*, p.33.
7. ALENCAR. *Iracema*, p.39.
8. ALENCAR. *O Guarani*, p. 71.
9. ALENCAR. *Iracema*, p. 39.
10. ALENCAR. *O Guarani*, p.64.
11. *Ibid.*, p.66.
12. *Ibid.*, p.273.
13. *Ibid.*, p.132.
14. *Ibid.*, p.245.
15. ALENCAR. *O Guarani*, p. 327.
16. *Ibid.*, p. 115.
17. *Ibid.*, p. 135.
18. REIS, R. "Cânon". *In: Jobim, J. L. (org.). Op.cit.*
19. É o que afirma Doris Sommer em "Irresistible romance" (in Bhabha, *Nation and narration*, p.80): "Mas o proprietário de escravo, José de Alencar, pode ter escrito sobre a integração com índios para evitar de escrever sobre negros".

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- \_\_\_\_\_. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BHABHA, Homi. K. (Ed.) *Nation and Narration*. New York: Routledge, 1990.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

mar/99  
no. 1

Alencar e Gonçalves Dias...

Palimpsesto

DIAS, Gonçalves. **Poesias Completas**. São Paulo: Saraiva, 1950.

JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REIS, R. "Cânon". in JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SOMMER, Doris. **Foundational Fictions. The National Romances of Latin América**. Berkeley and Los Angeles: Ucla Press, 1991.